

## **A autoconstrução de ambientes familiares: entre o lugar afetivo e a discussão sobre a técnica**

**Self-building of family environments: between the affective place and discussion about technique**

**Autoconstrucción de ambientes familiares: entre el lugar afectivo y la discusión de la técnica**

*Sonia Dique Fragozo, professora doutora no Centro Universitário Augusto Motta (Unisuam), doutoranda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).*

*E-mail: [sonia.fragozo@gmail.com.br](mailto:sonia.fragozo@gmail.com.br)  ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6634-6539>*

*Ethel Pinheiro Santana, professora doutora na FAU-UFRJ.*

*E-mail: [ethel@fau.ufrj.br](mailto:ethel@fau.ufrj.br)  ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2357-6489>*

**Para citar este artigo:** FRAGOZO, S. D.; SANTANA, E. P. A autoconstrução de ambientes familiares: entre o lugar afetivo e a discussão sobre a técnica. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 22-40, 2022. DOI 10.5935/cadernospos.v22n2p22-40

**Submissão:** 2021-03-15

**Aceite:** 2021-10-28

## Resumo

Este artigo tem sua origem em uma pesquisa de doutorado, em andamento, cujo desenvolvimento metodológico levou à construção de uma atividade didática elaborada com um grupo focal<sup>1</sup> composto de discentes do curso de Arquitetura e Urbanismo de um centro universitário privado, na cidade do Rio de Janeiro. As discussões, realizadas em sala de aula, sobre o tema de moradias populares autoconstruídas e assessoria técnica, acabaram por se transformar numa etapa analítica da tese de doutorado e numa investigação geradora de um projeto de pesquisa apresentado à instituição, durante a realização da Semana de Pesquisa e Extensão. Os alunos participantes do grupo focal vivem, sem exceção, em habitações autoconstruídas situadas em lotes com mais de duas moradias, localizadas em subúrbios da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro e em municípios da Baixada Fluminense – uma realidade muito comum no contexto de urbanização das cidades brasileiras. Como grupo focal, os estudantes de Arquitetura e os jovens arquitetos foram convidados a refletir sobre determinadas categorias da camada social, seus processos construtivos e as relações afetivas. A sistemática de encontros foi semanal, de forma remota<sup>2</sup>. Por meio desses encontros, foram extraídas narrativas, material gráfico e respostas possíveis para as inter-relações entre o grau de afetividade e a constância das modificações/acréscimos nas moradias.

**Palavras-chave:** Autoconstrução; Residências populares; Ambiências; Afetividade.

## Abstract

This paper has its origin in a doctoral research, in progress, whose methodological development led to a didactic activity developed with students of the Architecture and Urbanism program from a private higher education institution in the city of Rio de Janeiro. The debate, carried out in the classroom, about the topic of popular self-built housing and technical assistance, eventually became an analytical stage of the thesis and a research that generated a project presented at the institution, during the Research and Extension Week. The students involved in this focus group live, without exception, in self-built housing on lots with more than two houses, located in the suburbs of Rio de Janeiro and the surrounding municipalities of the Baixada Fluminense – a very common reality in the context of urbanization of Brazilian cities. As a focus group, the Architecture students and young architects were invited to reflect on certain categories of the social layer, building process, and affective relationships. The meetings took place on a weekly basis, remotely. Through these meetings, narratives, graphic material, and possible answers were extracted for the inter-relationships between the grade of affectivity and the frequency of changes/additions to buildings.

**Keywords:** Self-built housing; Popular housing; Ambiences; Affectivity.

1 O grupo focal é um instrumento de pesquisa qualitativa, composto por pessoas selecionadas para discutir e comentar um tema comum, através de suas experiências pessoais (POWELL; SINGLE, 1996 *apud* GATTI, 2005, p. 7).

2 Os encontros aconteceram remotamente em cumprimento aos protocolos de isolamento social por motivo da pandemia causada pela *coronavirus disease 2019* (Covid-19).

## Resumen

Este artículo tiene su origen en una investigación de doctorado, en proceso, cuyo desarrollo metodológico llevó a la construcción de una actividad didáctica elaborada con un grupo focal compuesto por estudiantes de la carrera de Arquitectura y Urbanismo de una institución de enseñanza superior privada, en la ciudad de Río de Janeiro. Las discusiones, producidas en el aula sobre el tema de vivienda de bajo costo autoconstruido y asesoría técnica, terminaron convirtiéndose en una etapa analítica de la tesis y una investigación generadora de un proyecto de investigación presentado a la institución, durante la Semana de Investigación y Extensión. Los estudiantes que participan en el grupo focal viven, sin excepción, en viviendas de autoconstrucción ubicadas en lotes con más de dos casas, ubicadas en los suburbios de la Zona Norte de la ciudad de Río de Janeiro y en los municipios de la Baixada Fluminense – una realidad muy común en el contexto de urbanización de las ciudades brasileñas. Como grupo focal, estudiantes de Arquitectura y jóvenes arquitectos fueron invitados a reflexionar sobre determinadas categorías de los estratos sociales, los procesos de construcción y las relaciones afectivas. La sistemática de reuniones fue semanal, por medios remotos. A través de estos encuentros se extrajeron narrativas, material gráfico y posibles respuestas para las interrelaciones entre el grado de afectividad y los constantes cambios/adiciones en las casas.

**Palabras clave:** Autoconstrucción; Residencias populares; Ambiencias; Afectividad.

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que parte considerável do espaço construído para moradias da população de baixa renda, nas cidades brasileiras, é resultado dos processos de autoconstrução. Segundo o Ministério das Cidades (2007, p. 22), esses processos, de um modo geral, acontecem sem orientação técnica. Baseadas em padrões e códigos próprios, diferenciados do que denominamos formal, as habitações populares autoconstruídas são modificadas e ampliadas à revelia, numa dinâmica muito particular que se modifica com frequência, subordinada aos mais diversos fatores.

A autoconstrução, de acordo com Maricato (1982) é, em seu aspecto colaborativo, uma questão de sobrevivência. Segundo a autora, a autoconstrução da moradia é a alternativa possível para as classes mais pobres, mas também é uma opção para diversos outros estratos da sociedade. A autora ainda comenta sobre a intermitência de tais construções, que são ampliadas e adequadas de acordo com a necessidade de seus moradores. Esse tipo de construção acontece em espaços onde seus moradores, auxiliados por amigos e familiares, efetuam reformas ou novas construções, sem a participação de engenheiro ou arquiteto. Decidem sobre a ocupação do espaço, os materiais empregados e as técnicas aplicadas. Não existe projeto prévio, mas existe uma certa percepção/antecipação da possibilidade das mudanças futuras. A casa construída é executada com a

possibilidade de crescimento futuro, seja para abrigo da própria família ou por uma expectativa de aumento de renda.

Desse modo, a autoconstrução informal, como provisão de habitação popular, amplia o debate sobre questões referentes não só aos aspectos urbanos, pelo desenvolvimento desordenado da cidade, mas também sobre questões referentes à transformação do espaço e à relação de seus moradores com o ambiente construído.

As modificações constantes atribuídas aos espaços familiares, foco da pesquisa, trazem, em seu arcabouço, eventos motivados por diversas circunstâncias familiares que são, em sua maioria, soluções e respostas às dificuldades do cotidiano daquele grupo social. As narrativas demonstraram que as intervenções coletivas ocorridas nos ambientes buscam a construção e a apropriação do *lugar* – espaço de grande significado afetivo, de acordo com Tuan (1983).

O afeto gerado pela experimentação dos espaços (auto)construídos, aqui abordados em sua forma residencial e familiar, imprime lembranças, boas ou não, que remetem ao cotidiano neles vivido. No entendimento de Plankow (1988):

As paredes que abrigaram nossa infância, por exemplo, nos reconduzem facilmente para ela, e lembranças precisas e preciosas emergem então sem dificuldade. Assim o espaço proporciona *segurança* e “*envolve*” a *história vivida* (PLANKOW, 1988, p. 85, grifo nosso).

No entanto, muitas das pesquisas nessa temática não apresentam uma compreensão dos valores sensíveis que coadunam essa constante modificação espacial, não apenas pelo reconhecimento de um valor intrínseco ao compartilhamento das formas definidas como ideais na autoconstrução, mas também por uma certeza de que os laços afetivos se fortalecem nesse processo.

As experiências sensíveis e as histórias construídas e vivenciadas, em determinado espaço, contribuem para a construção do sujeito e de sua identidade, formando valores e memórias que ancoram significados. Para Tuan (1980), só percebemos algo em relação ao estilo de vida de determinado grupo por meio das ocorrências que compõem sua vida diária e das circunstâncias físicas em que essas ocorrências se desenvolvem.

As questões da percepção do espaço (autoconstruído) e do habitar são aqui abordadas no sentido da relação desses espaços com o sujeito e seu cotidiano. Este trabalho busca identificar o modo de vida dos moradores, o entendimento dos espaços criados e os significados produzidos. A tipologia arquitetônica, definidora dos espaços autoconstruídos nos cenários analisados, encontra-se presente nesta pesquisa por meio de sua função como suporte para as necessidades, vivências e experimentações.

Seguindo tal caminho, esta pesquisa – recorte de uma tese de doutorado –, busca o entendimento da formação dos espaços populares autoconstruídos em um contexto bastante específico (as residências de arquitetos em formação), compreendendo a natureza desse tipo de construção, imposta pela necessidade

e produzida por construtores – nem sempre habilitados formalmente, mas capacitados pela experiência da repetição e pela necessidade. Foi pesquisado o entendimento de como o habitar, em toda sua extensão, é definido nessa conformação de espaços residenciais e é percebido e vivenciado por seus usuários, que, em nosso caso, serão arquitetos num futuro bem próximo.

## Considerações preliminares

A reflexão sobre o habitar vai além das características físicas de uma moradia, além de seu interior ou exterior, configurando-se como um campo de experiências vividas. Para Bachelard (1984, p. 17), a casa é nosso “canto no mundo, nosso primeiro universo”. Segundo o autor, as diversas moradas de nossa vida mesclam-se através de nossos sonhos e guardam “tesouros” de nossas vivências, que nos reconfortam por meio de nossas lembranças, complementando que “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção da casa”.

Ao considerarmos as habitações populares autoconstruídas e os espaços gerados e compartilhados por esse segmento, é impossível ignorar o cotidiano e o desenrolar da vida nesses locais. Entendemos que o espaço produzido por ambientes (auto)construídos de forma colaborativa, à revelia dos padrões arquitetônicos clássicos, é transformado em “um mundo de significado organizado” (TUAN, 1983), onde o desenrolar da vida é produzido de forma singular, num cotidiano próprio, condicionado por essa conjuntura. Para Santos (2006):

O espaço se impõe [*sic*] através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de “viver bem”. Como meio operacional, presta-se a uma avaliação objetiva e como meio percebido está subordinado a uma avaliação subjetiva. Mas o mesmo espaço pode ser visto como o terreno das operações individuais e coletivas, ou como realidade percebida (SANTOS, 2006, p. 34).

A moradia é um espaço de signo social e, ao mesmo tempo, é matéria que representa uma intenção ou um estado. Na teoria das representações (MOSCOVICI, 1978), fica claro que a relação entre indivíduo e sociedade é interdisciplinar, funde-se e permite a construção de noções compartilhadas, que podem ser assumidas como representativas de um tipo de produção. A ideia de coletividade se sobrepõe à visão individual: “ela afeta mais os povos que os indivíduos”, visto que “são massas que estão em cena e cuja personalidade é mais marcada” (MORAIS, 1989, p. 190).

Não há, assim, como pensar em sentimentos e afetos construídos em determinados espaços, sem recorrer ao conceito de ambiência – que tem relação com a coletividade. De acordo com o dicionário Houaiss (2001), ambiência, palavra derivada do francês *ambiance*, é o conjunto de condições sociais, culturais e morais que cercam uma pessoa e nela podem influir. Pinheiro *et al.* (2020)

corroboram essa definição ao demonstrar que o processo que leva qualquer indivíduo a reconhecer seu mundo e suas influências deriva de representações que aferem, sempre, uma dada realidade:

O processo cognitivo pode ser entendido como a recepção de dados ambientais e sensíveis externos que, confrontados com as representações internas de cada indivíduo, exigem um reconhecimento da realidade que só se explica no presente momento (PINHEIRO *et al.*, 2020).

Audas e Augoyard (2011) salientam que a ambiência é formada pelos sentimentos vividos e pela forma como o lugar foi vivenciado, destacando que o sujeito que a determina, de acordo com a maneira que se projeta nesse lugar, com sua subjetividade e seus elementos afetivos. De acordo com os autores, três componentes são responsáveis por essa construção: o lugar, o sujeito e a relação que os une.

Para Fischer (1994), o espaço tem a propriedade de moldar o indivíduo, assim como o indivíduo, por sua vez, molda o espaço. Nesse contexto, Wagner e Duarte (2015, p. 90) acrescentam que, em função da percepção do espaço, criamos, ou não, nossos laços afetivos, lembrando “elementos complexos da nossa memória”.

Tuan (1983) defende que o espaço se transforma em *lugar* quando lhe são atribuídos significados, sendo essa transformação somente possível por meio da experimentação e da vivência do espaço. Duarte (2013) complementa argumentando que essa transformação, do espaço em lugar, não é repentina e constitui um processo denominado à época, pela autora, moldagem do lugar e classificado como um processo artesanal – ou seja, uma construção com as próprias mãos.

O espaço criado por esses autoconstrutores possui, então, em sua (des)ordem institucional e projetual, uma concepção própria de *lugar*, impondo à malha urbana, por meio de uma arquitetura informal e não reconhecida, sua “tríade” particular de estética, estrutura e utilização do espaço.

O estudo das ambiências busca, assim, definir o espaço-tempo vivenciado pelos sentidos, restituindo o lugar dos sentidos na experimentação dos espaços. A ambiência, por meio da “percepção sensível do ambiente construído”, evidencia as práticas sociais, levando maior atenção para a afetividade na vida urbana (THIBAUD, 2012).

A análise da arquitetura produzida pela informalidade construtiva possui um papel relevante, pois, como considerada por Harries (1993 *apud* Pallasmaa, 2017), a arquitetura contém uma função mental, impondo sua capacidade de produção de “ordem e significado”. Para o autor:

A arquitetura ajuda a *substituir* uma realidade sem sentido, por outra realidade teatralmente, ou *melhor, arquitetonicamente transformada*. Essa realidade nos atrai e, à medida que nos rendemos a ela, nos oferece a ilusão do significado [...]. Não podemos viver no caos. O caos deve ser transformado em cosmos [...]. (HARRIES *apud* PALLASMAA, 2017, p. 95, grifos nossos).

A construção, por si só, não caracteriza um fim, mas, sim, uma “moldura e estrutura” para as experiências, materializando e efetivando “a ordem, social, ideológica e mental” (PALLASMAA, 2017). Nesse contexto, a (auto)construção prioriza a utilização dos espaços e a necessidade dos moradores em detrimento do projeto arquitetônico e da técnica construtiva.

Do ponto de vista técnico e projetual, é sabido que os autoconstrutores decidem sobre a ocupação do espaço, os materiais empregados e as técnicas aplicadas. Não existe projeto prévio, mas existe uma certa percepção da possibilidade de mudanças e ampliações futuras. A casa construída é executada com a possibilidade de crescimento futuro, o que, em sua maioria, resulta em superdimensionamento da estrutura.

### Procedimentos metodológicos

Como mencionado anteriormente, a pesquisa da qual este artigo deriva apoiou-se no desenvolvimento de uma etapa metodológica, por meio de abordagem qualitativa com um grupo focal pré-definido (estudantes de Arquitetura e Urbanismo do último período) realizada durante uma atividade didática, do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Augusto Motta (Unisuam).

Para o início da etapa empírica com o grupo focal participante da pesquisa, foi elaborado um questionário virtual<sup>3</sup>, em estilo *survey*, aplicado a 51 alunos da disciplina de Planejamento Urbano da mesma instituição – primeiro grupo focal – com o objetivo de verificação da incidência da autoconstrução nas moradias unifamiliares e do *modus vivendi*.

O questionário buscou, de forma geral, dados sobre a construção, propriedade do imóvel, tempo de moradia, utilização dos espaços e laços afetivos. O objetivo da aplicação desse *survey* foi investigar: dados sobre a incidência da autoconstrução local, além de características e necessidades de construção de moradias; os laços afetivos e sociais formados nesses espaços; e demonstrar quanto a assessoria técnica poderia ser importante para segurança, otimização de espaços e legalização do imóvel.

<sup>3</sup> O *link* do questionário virtual foi distribuído para alunos moradores da Zona Norte do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense. Foram computadas 51 devoluções.

Como estávamos vivenciando o período inicial da pandemia da *coronavirus disease 2019* (Covid-19), em abril de 2020, foram inseridas algumas perguntas sobre a mudança da rotina provocada por esse momento de isolamento social, mas essas questões não foram consideradas essenciais para este estudo. Extraímos, de fato, os dados pertinentes sobre a autoconstrução popular informal relativa à realidade social e cultural desses respondentes.

#### 6) Quantos anos mora nesse imóvel?

51 respostas

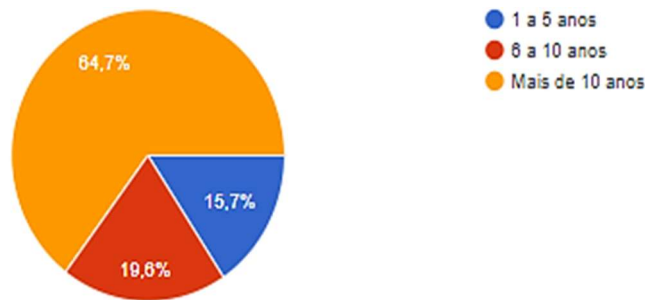


Figura 1: Respostas dos questionários on-line: propriedade; forma de construção; tempo de moradia. Fonte: elaborada pelas autoras, 2020.

#### 7) Quantas casas existem no mesmo terreno/Imóvel onde mora? (entenda casa como abrigo para uma família- grande ou pequena)

51 respostas

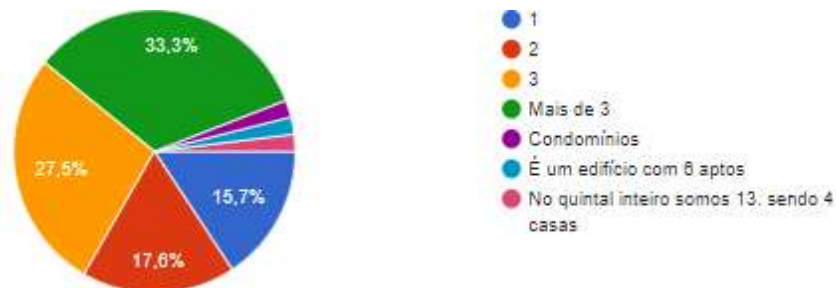


Figura 2: Número de moradias no mesmo lote. Fonte: elaborada pelas autoras, 2020.

A análise das respostas acabou por revelar um maior número de semelhanças entre os respondentes, fatos que embasaram e direcionaram o prosseguimento de nossa pesquisa.

A partir da tabulação dos questionários, observou-se que aproximadamente 80% dos respondentes dividem o lote onde moram, sendo que, desses, 60% possuem três ou mais habitações que compartilham o mesmo lote. A autoconstrução em ambientes familiares, como verificado no resultado dos questionários, perfaz um



considerável percentual em habitações próprias, e mais de 30% delas foram construídas pelos pais ou avós desses jovens. Em mais de 60% das respostas, o tempo de moradia ultrapassa dez anos, o que significa que esses jovens viveram grande parte de suas vidas nesses ambientes.

Quanto à percepção do espaço de moradia, a maioria dos respondentes considera o espaço confortável e aconchegante, revelando grande afetividade pelo espaço que habitam (Figura 3).

### 19) Como você considera o seu espaço de moradia. (pode marcar mais de uma opção)

51 respostas

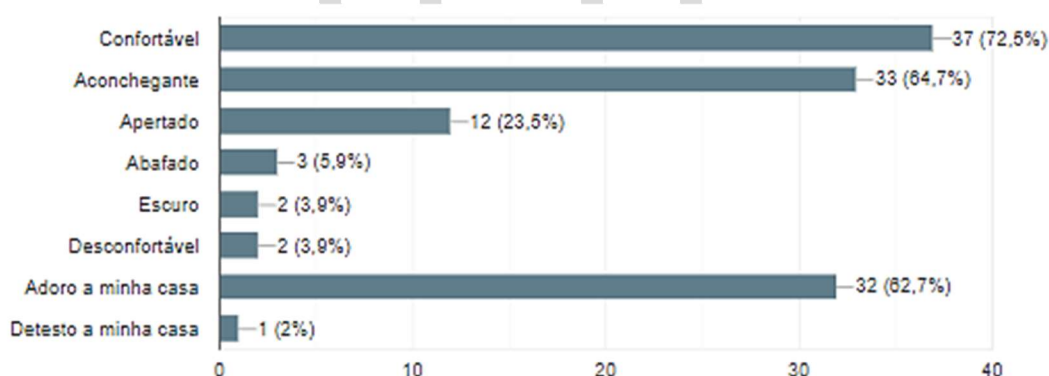


Figura 3: Considerações sobre o espaço da moradia. Fonte: elaborada pelas autoras, 2020.

## Análises e resultados

A partir da tabulação dos questionários e com as informações colhidas, reunimos um grupo menor de alunos como segundo grupo focal e, por sugestão dos participantes, começamos a trabalhar com foco na apresentação da Semana de Pesquisa e Extensão da instituição. O segundo grupo focal foi composto por três alunos da graduação e três ex-alunos, recém-formados, cinco deles são moradores de lotes compartilhados com familiares e enquadram-se nos parâmetros adotados para o recorte da pesquisa (figuras 4 e 5). O sexto componente do grupo participou da pesquisa no auxílio à organização e na compilação dos dados. A intenção passou a ser o estudo das relações desses moradores com os espaços formados e da dinâmica socioespacial neles produzida.

Devido às limitações impostas pelo isolamento social, não existiu a possibilidade de uma pesquisa de campo. Nosso campo ficou restrito aos recursos do computador e à potência das narrativas produzidas pelos participantes. Todas as reuniões (26 no total, entre os meses de maio e dezembro de 2020, com três horas de duração e frequência semanal) foram virtuais, sem o contato direto do pesquisador com o objeto de estudo (as moradias autoconstruídas) e com o grupo focal.

Um método de abordagem precisou ser adequado à pesquisa de forma virtual, até mesmo pelo curto tempo para a apresentação do trabalho na Semana da Pesquisa e Extensão da instituição.

<b>Parâmetros adotados para o recorte da pesquisa</b> <b>(condições criadas após a aplicação do questionário <i>on-line</i>)</b>	
<b>Localização</b>	Subúrbios da Zona Norte/Baixada Fluminense.
<b>Renda média familiar</b>	Classes C e D – R\$ 5.724 a R\$ 9.540 (2018/2019), segundo classificações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
<b>Condições das moradias</b>	Próprias/duas ou mais famílias no lote.
<b>Tipo de construção</b>	Residências autoconstruídas.
<b>Grupo pesquisado</b>	Estudantes de Arquitetura e jovens arquitetos.

*Tabela 1: Parâmetros adotados para a escolha do grupo focal da pesquisa. Fonte: elaborada pelas autoras, 2020.*

Em nossos encontros, realizados a partir de maio de 2020, o grupo recebeu explicações sobre pesquisas qualitativas e sobre os conceitos de subjetividade e afetividade na arquitetura. Foram indicadas leituras referentes ao objeto pesquisado, para que os participantes pudessem compreender a essência da pesquisa, já que o grupo era composto por pesquisados/pesquisadores.

Cientes da importância da observação direta para o enriquecimento das informações sobre a vida em um espaço construído e das inúmeras dificuldades que seriam enfrentadas para a coleta e a interpretação dos dados *on-line*, resolvemos, após alguns encontros, embasar a pesquisa na perspectiva da cronologia, procurando concentrar nossa busca no entendimento do processo da dinâmica do habitar, nesses espaços residenciais compartilhados e autoconstruídos. Tal dinâmica foi balizada por fatos expressivos na vida familiar dos integrantes do grupo, os quais podem ser considerados trocas íntimas, gravadas no mais profundo da memória, e que trazem grande emoção quando recordados (TUAN, 1983).

Buscamos relacionar a dinâmica desse tipo de habitação, compartilhada por familiares, com a afetividade que a produz. Acreditamos que o mapa cognitivo<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Mapa mental ou cognitivo, instrumento que se baseia na elaboração de desenhos e/ou narrativas representativas, de um grupo de pessoas, sobre determinado ambiente (RHEINGANTZ *et al.*, 2009).

era a ferramenta adequada para que, por meio dos acessos remotos, fosse possível captar as experiências afetivas.

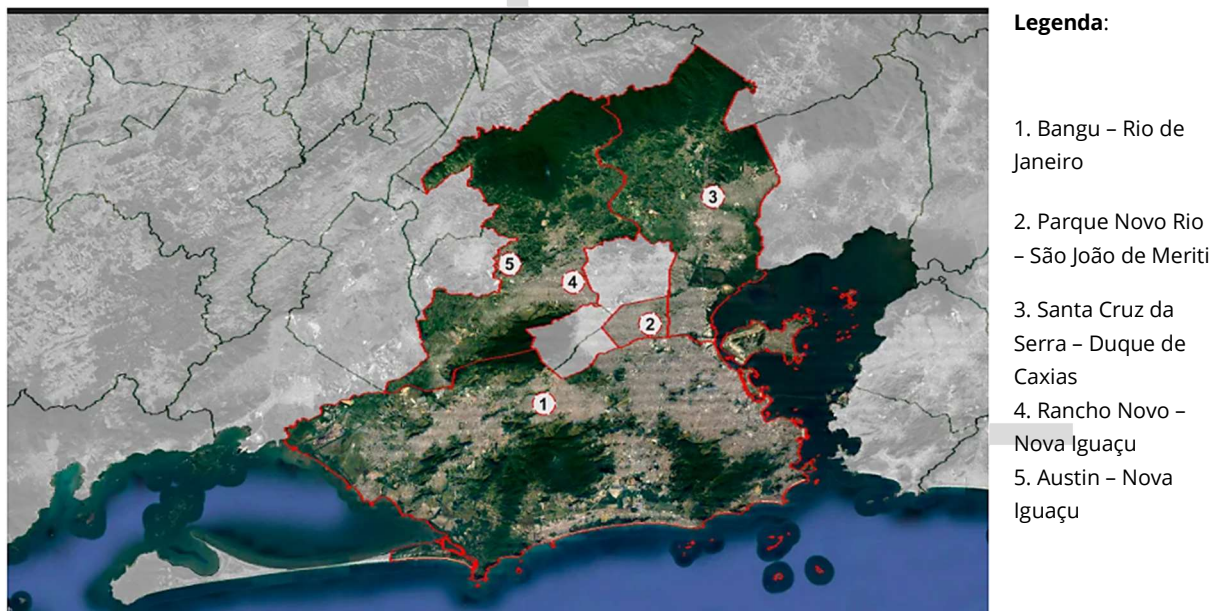


Figura 4 : Localização das moradias pesquisadas. Fonte: Google Earth – Mapas, adaptado pelo grupo focal, 2020. Disponível em: <http://mapas.google.com>. Acesso em: 6 nov. 2020.

Propusemos a elaboração de um mapa cognitivo composto por histórias através do tempo, croquis, fotos e fatos relevantes sobre as moradias e as formas de morar em espaços familiares. Esse mapa foi renomeado como mapa narrativo.

O resultado não foi o esperado, só um participante preparou o mapa solicitado (Figura 5). Foram criadas denominações para cada moradia, de acordo com a localização de cada uma, assegurando o distanciamento ético dos “donos da casa”: casa Austin; casa Bangu; casa Caxias; casa Meriti; casa Rancho Novo.

A partir de então, foi necessário mudar a estratégia para a montagem de uma linha do tempo, que permitiria conhecer as histórias das moradias e sua cronologia, sendo que os dados referentes aos espaços seriam colhidos em nossos encontros semanais, por meio de ferramentas digitais e narrativas escritas e/ou gravadas.

Produzimos, então, o que denominamos mapas narrativos (Figura 6), agora com mais propriedade, utilizando a ferramenta digital, gratuita e colaborativa Google Jamboard<sup>5</sup>. Essa ferramenta permitiu a edição simultânea pelo grupo, facilitando a geração de informações durante os encontros e, principalmente, gerando a produção necessária de dados, com mais objetividade, para a pesquisa em pauta. A partir de palavras sugeridas, foram sendo acrescentadas as narrativas que o

<sup>5</sup> Ferramenta gratuita e colaborativa do Google que permite o compartilhamento das informações, a inserção de fotos, vídeos e textos.

grupo relacionava às moradias, aos espaços e sua utilização – cada residência foi identificada com uma cor e os participantes tinham a liberdade de escrever sobre o que aquelas palavras sugeriam em relação ao espaço e à vida familiar.

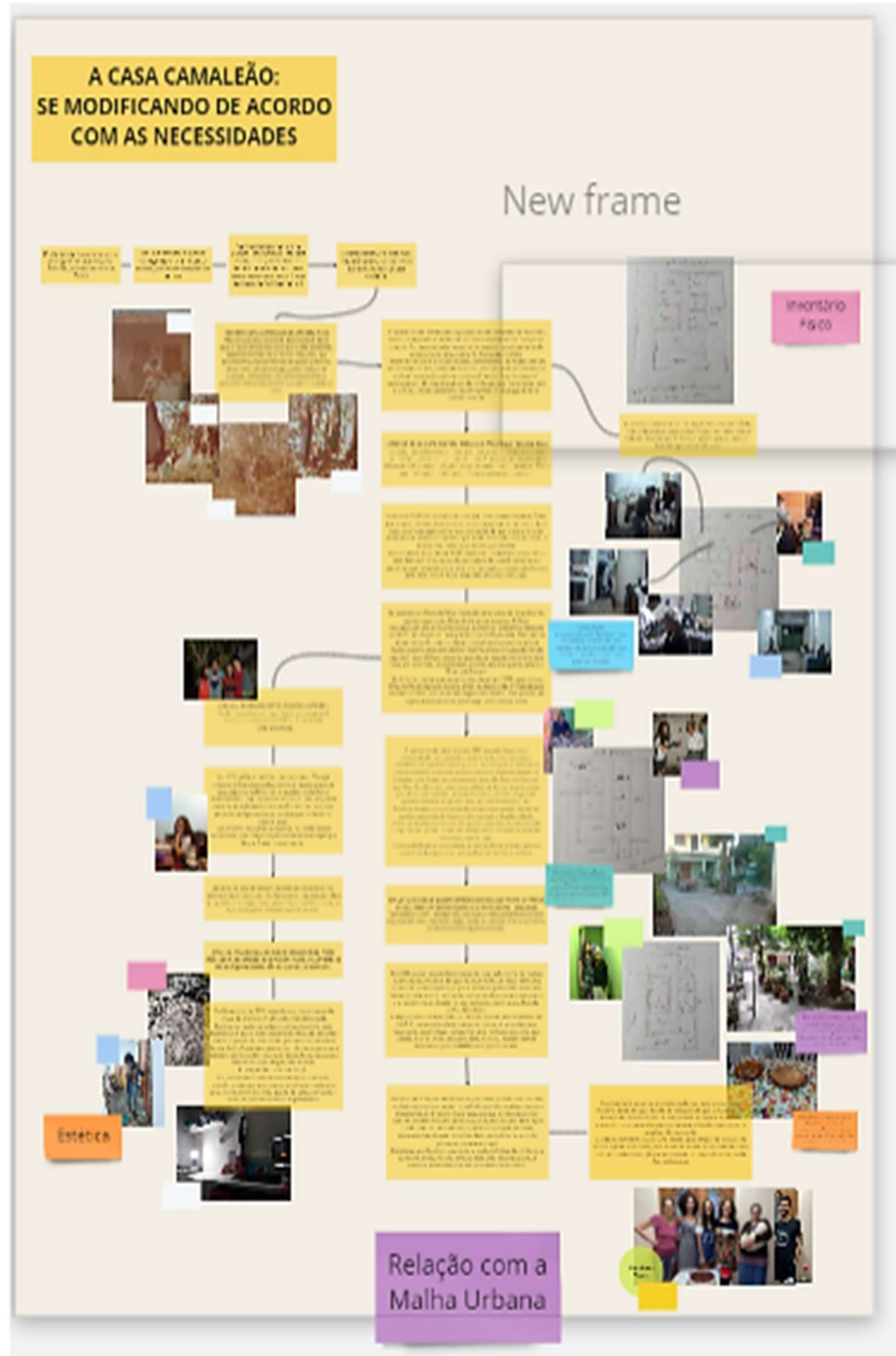


Figura 5: Mapa narrativo – casa Austin. Fonte: elaborada pelo morador da casa Austin, 2020.



Figura 6: Mapa narrativo elaborado pela ferramenta Jamboard-Google. Fonte: elaborada pelos participantes do grupo focal, 2020.

A execução da linha do tempo caminhou em paralelo aos nossos encontros. Os participantes do grupo não aderiram aos croquis, preferindo lançar mão dos programas gráficos para os desenhos e, dessa forma, foram surgindo as plantas com as modificações e os acréscimos nas moradias, em ordem cronológica. Cada participante foi construindo a dinâmica de sua moradia, da forma que melhor pudesse expressá-la e, assim, tivemos várias formas de representações gráficas disponibilizadas (figuras 7, 8 e 9).

## Discussões em torno de uma afetividade

Percebemos que a aquisição dos terrenos e a construção das moradias tiveram como principal objetivo a segurança da propriedade do imóvel, para que as famílias pudessem "sair do aluguel"; as construções foram realizadas, sempre, com grandes dificuldades financeiras, mas com constantes acréscimos e ajustes, que garantiram não apenas o ganho espacial, mas a diversificação e construção de relatos afetivos profundos.

A materialização das casas partia, de um modo geral, de pequenas células básicas, compostas do mínimo necessário à sobrevivência das famílias e, à medida que a necessidade surgia (e a renda permitia), a construção se adequava à nova situação. As famílias se adaptavam aos espaços exíguos, até que pudessem expandi-los ou modificá-los, demonstrando uma certa dose de planejamento e resiliência.

Na maioria das casas estudadas, os avós dos participantes do grupo, aos quais foram atribuídas as maiores e mais importantes relações de afeto, foram os responsáveis pela compra do terreno e pela primeira construção. As varandas, os

quintais e as cozinhas foram registradas, pelos mapas narrativos, como os pontos de encontros e conversas em todas as moradias (Figura 10) e, de igual modo, a sombra de árvores e poço no terreno, como citado por alguns.

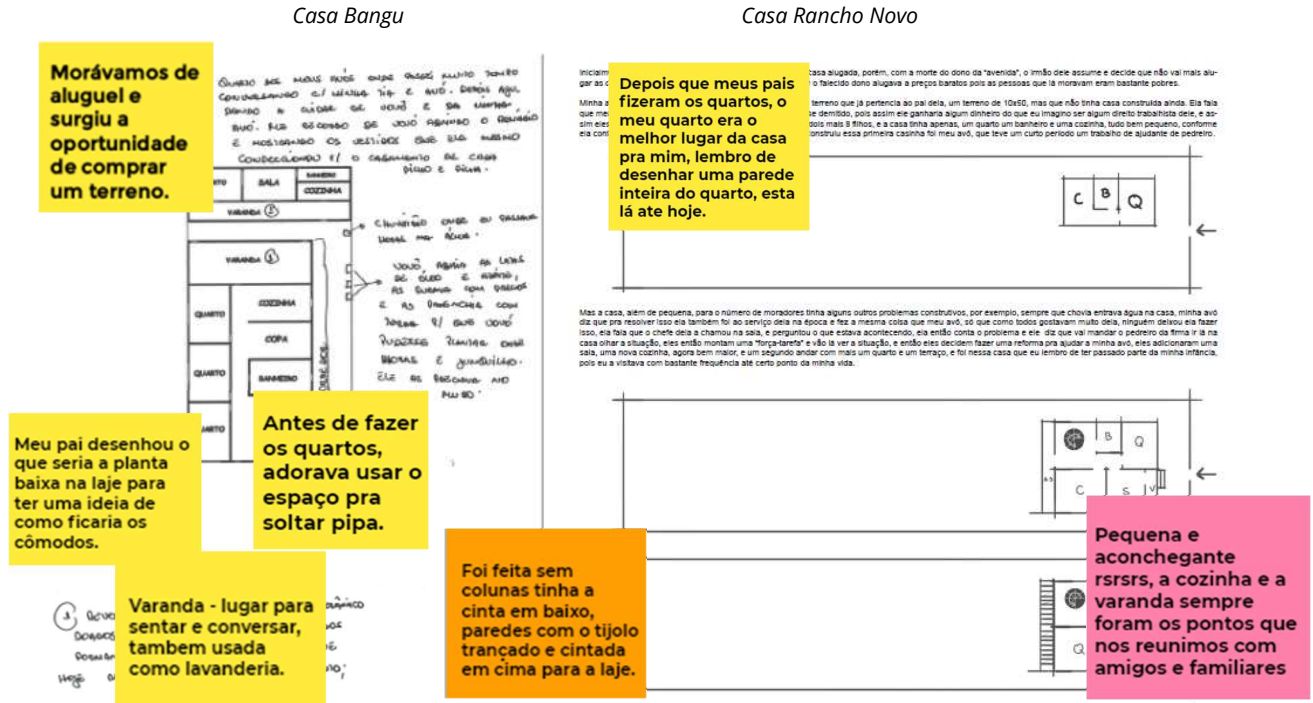


Figura 7: Desenvolvimento cronológico das modificações nas moradias casa Bangu e casa Rancho Novo. Fonte: elaborada pelo grupo focal, 2020.

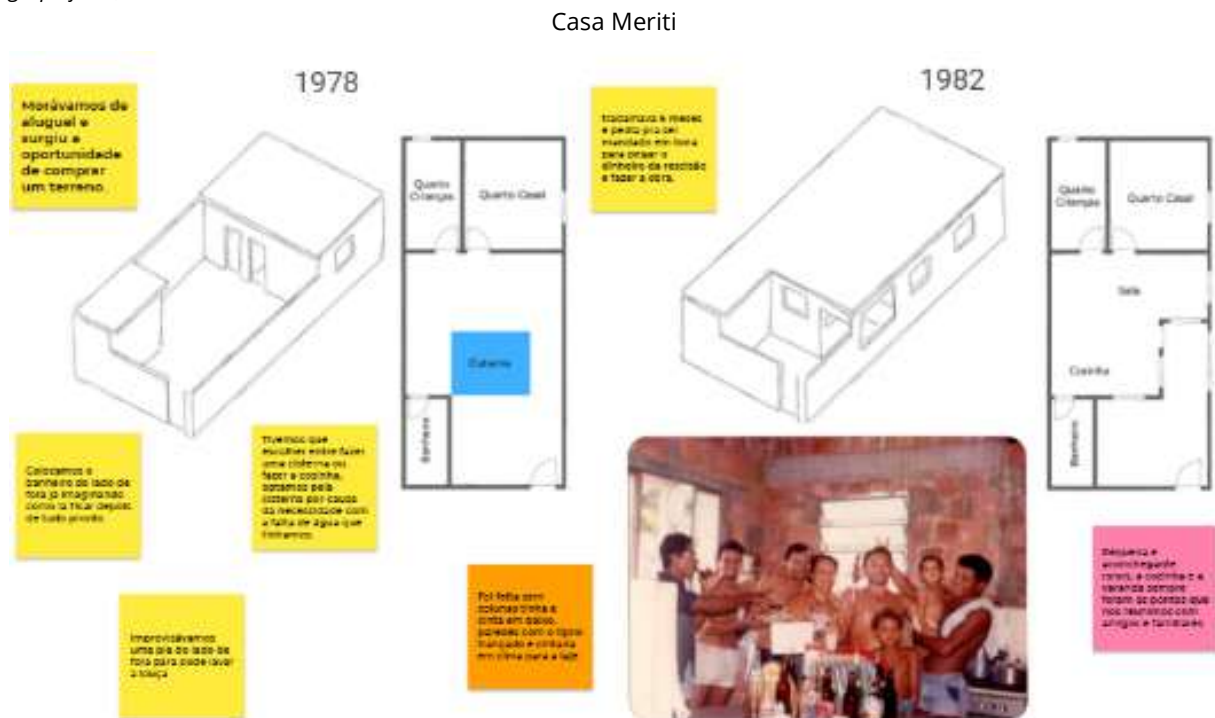


Figura 8: Desenvolvimento cronológico das modificações na moradia casa Meriti. Fonte: elaborada pelo grupo focal, 2020.

## Casa Caxias

Em 2002 dois netos de João Paulo vieram morar com ele, uma das salas foi adaptada como quarto, um tempo depois sua filha mais velha Ester decidiu construir nos fundos do terreno uma casa. No início de 2003 a casa da frente começou a sofrer algumas alterações, como por exemplo o acréscimo de mais um quarto, já que os dois netos estavam dormindo na sala adaptada.



Figura 9: Desenvolvimento cronológico das modificações na moradia casa Caxias. Fonte: elaborada pelo grupo focal, 2020.

A pesquisa não se limitou à análise do espaço autoconstruído, o que não seria suficiente para “dar conta” de uma ambiência (THIBAUD *et al.*, 1998). Por meio das narrativas, orais ou escritas, buscamos extrair a modelagem sensível desses espaços compartilhados por familiares e como esses afetam seus usuários.

Entendemos que a pesquisa virtual, sem o contato direto, dificulta a compreensão global dos registros gráficos e sensoriais, devido à complexidade do estudo das ambiências. Contudo, buscamos, por meio de um método adaptado para o ambiente remoto, colher as sensações e memórias cunhadas por esses espaços.

Em nosso estudo, fica claro que as relações sociais nos grupos familiares são estabelecidas a partir da dinâmica de cada ambiente. Thibaud *et al.* (1998) esclarece que o fenômeno sensível é entendido a partir das circunstâncias e dos acontecimentos locais no ambiente estudado.

Destacamos que nesses espaços, onde a vida familiar se desenvolve, a presença e a memória dos avós criaram hábitos e trouxeram à lembrança diversos eventos que, associados à produção do espaço, marcaram algumas narrativas do grupo:

Suíte dos meus avós. Antes do Alzheimer, minha vó não queria ninguém no quarto dela, mas atualmente virou um ponto onde a família se reúne em volta dela para conversar, principalmente no calor, por causa do ar-condicionado (CASA CAXIAS, 2020).

Quarto da minha avó, geralmente para ver novelas etc. Frequentada por todo mundo do quintal (CASA RANCHO NOVO, 2020).

Sala da casa de vovó. Nos dias mais frescos nos sentávamos para assistir TV enquanto vovó descascava laranjas (CASA BANGU, 2020).

Meu avô, quando estava doente, vivia sentado na cozinha, quando não estava vendo TV, marcando sua presença – mesmo depois de falecido (CASA AUSTIN, 2020).



Figura 10: Locais de reunião e conversas – informações dos mapas narrativos. Fonte: elaborada pelas autoras e pelo grupo focal, 2020.

Através dessa incursão por uma cronologia das mudanças, levantamos hábitos, histórias e memórias sobre o modo de habitar esses espaços compartilhados com familiares. Percebemos que os hábitos vão sendo criados e adaptados em função dos espaços, e suas frequentes adequações, para que sejam atendidas as necessidades familiares, seguem protocolos construtivos muito parecidos entre todos os participantes.

No sentido da compreensão dessa dinâmica de morar, iniciamos por associar o que havia de comum entre as moradias e modos de vida desenvolvidos nos espaços familiares, construtores de afetos e sentimentos. Constatamos inúmeras características semelhantes nas moradias analisadas, seja pela produção da moradia em sua forma física com o improvisado da técnica, seja pela construção dos laços afetivos resultantes dessa dinâmica do morar, que indica uma homogenia dessa forma de habitabilidade (Figura 9).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre os afetos gerados pelo ambiente autoconstruído não é uma tarefa fácil, principalmente quando a pesquisa de campo fica limitada ao espaço virtual. Foi necessária a criação de uma forma objetiva e adaptada para tornar a pesquisa possível, o que ficou facilitado pela presença de alunos de graduação em Arquitetura e Urbanismo, componentes do grupo focal, que vivem e experimentam espaços autoconstruídos familiares e possuem ferramentas e instrumentos para a representação de tal realidade.

Pudemos verificar que a criação de hábitos construtivos (do ponto de vista edilício) e também afetivos, próprios desses espaços, reflete a forma de vida sempre relacionada a um determinado momento da vida familiar, já que os constantes acontecimentos familiares intervêm na dinâmica de crescimento das moradias e, conseqüentemente, de espaços habitáveis. Podemos dizer que, nesses casos, a arquitetura (enquanto ciência) assume um papel coadjuvante, colaborando como sustentáculo das experiências e dos hábitos forjados por esses “modos de habitar”, que, mesmo sendo de moradores que seguem a carreira de Arquitetura e Urbanismo, não interferem na prática construtiva consolidada dos grupos dos quais fazem parte.

Em nossa busca, percebemos que esses espaços vão sendo construídos, tanto física quanto emocionalmente, a partir de uma dinâmica própria desse modo de morar compartilhado entre familiares. As adequações e acréscimos sempre são resultados de um “evento” familiar. Esses eventos, como constatado, são fatores determinantes da produção do espaço e de sua dinâmica, impondo à arquitetura um constante adaptar-se.

Discutir hoje em dia a ideia de programa não implica de maneira nenhuma voltar às ideias de função versus forma, originar e produzir relações entre programa e tipo ou introduzir uma nova versão de positivismo utópico. Ao contrário, *abre um campo de investigação onde os espaços se confrontam em última instância ao que acontece com eles*” (TSCHUMI *apud* FARINA; BARBOSA, 2009, grifos nossos).

O desenvolvimento da pesquisa por meio de um grupo focal formado por futuros arquitetos, moradores dos espaços investigados, lança luz sobre a prática da arquitetura social baseada ainda, exclusivamente, em parâmetros normativos. Para esse tipo de arquitetura, tão comum na Zona Norte e na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, um programa de funções e necessidades, como estamos acostumados a trabalhar na arquitetura, exclui a continuidade e a surpresa imposta pelas adequações que observamos na pesquisa.

Podemos concluir que, nesses espaços familiares, são (auto)construídas e desenvolvidas relações de afeto, moldadas pelo cotidiano dessas famílias, que dividem e compartilham não só o lote, mas suas carências e desafios sociais, evidenciando a necessidade de uma reflexão, de forma diversificada, no entendimento da técnica empregada ao espaço habitado e instigando o interesse por novas searas relativas ao ato de habitar em comunidade.

## REFERÊNCIAS

- AUDAS, N.; AUGOYARD, J. F. *Le rôle de l'affect dans l'ambience ressentie*. In: 1st INTERNATIONAL CONGRESS ON AMBIENCES, 1., Grenoble, 2008, France. À la Croisée, p. 213-219, 2011, *Ambiences*. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00833921>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1984. (Os Pensadores).
- BRASIL. Ministério das Cidades. *Experiências em habitação de interesse social no Brasil*. Organização Egláisa Micheline Pontes Cunha, Ângelo Marcos Vieira de Arruda e Yara Medeiros. Brasília, DF: Ministério das Cidades, Secretaria Nacional de Habitação, 2007.
- DUARTE, C. R.; VILLANOVA, R. *Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e métodos, da arquitetura à antropologia*. Rio de Janeiro: Faperj, 2013.
- FARINA, M. A.; BARBOSA, R. F. *Programa & evento – ou o evento do programa, uma questão de conceituação*. In: PROJETAR, 6.. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/4128676/Programa\\_and\\_Evento\\_em\\_Tschumi](https://www.academia.edu/4128676/Programa_and_Evento_em_Tschumi). Acesso em: 20 fev. 2021.
- FISCHER, G. N. *Psicologia social do ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília, DF: Autores Associados, 2005. (Pesquisa em Educação).
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MARICATO, E. (org.). *Autoconstrução, a arquitetura possível: a produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: Alfa Ômega, 1982. p. 71-93.
- MORAIS, A. C. R. *Ratzel*. São Paulo: Ática, 1989.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PALLASMAA, J. *Habitar*. Tradução e revisão técnica Alexandre Salvaterra. [s. l.]: Gustavo Gili, 2017.
- PINHEIRO, E. *et al*. De perto e de dentro: aproximando desenho e história(s). *VIRUS*, São Carlos, n. 20, 2020. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=15&lang=pt>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- POWELL, R.; SINGLE, H. Focus groups. *Internacional Journal of Qualit in Health Care*, v. 8, n. 5, p. 499-504, 1996.
- RHEINGANTZ, P. A. *et al*. *Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. (Proarq).

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006. (Milton Santos).

THIBAUD, J. P. A cidade através dos sentidos. *Cadernos PROARQ*, n. 18, 2012.

THIBAUD, J. P. Petite archeologie de la notion d'ambiance. *Communications*, v. 90, n. 1, p. 155-174, 2012.

THIBAUD, J. P. *et al.* Comment observer une ambiance? Les Cahiers de la recherche architecturale et urbaine. *Ambiances Architecturales et Urbaines*, Paris, n. 42-43, p. 77-90, 1998.

TUAN, Y. F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: Difusão Editorial (Difel), 1983.

TUAN, Y. F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difusão Editorial – Difel, 1980.

WAGNER, S. G.; DUARTE, C. R. A ambiência peculiar do lugar quintal nas residências da Zona Norte do Rio de Janeiro. *Revista Interfaces*, v. 1, n. 22, p. 89-96, 2015.